

6 de abril de 1950

MEIO DE SEMANA

As vidas mais profundas geralmente nos oferecem uma superfície tranqüila. Inevitável compará-las a certos espelhos de água entre rochedos. Furando com as retinas a lâmina azulada, vamos encontrar a insondável transparência, o vago mistério do fundo, a trêmula sombra das formas submersas.

Mais talvez que a dos príncipes do mundo, a existência de certos poetas, quase desconhecidos nos aparece rica de inesgotáveis possibilidades interiores, quando as contemplamos em seu conjunto. Esses homens silenciosos e esquivos, que mal terminam suas obrigações cotidianas na cidade desaparecem dos olhos de todos em seu pequeno mundo particular, esses não raro possuem uma riqueza que despertaria a inveja de muitos dos seus semelhantes que se deixaram empolgar pelo turbilhão, na luta do mundo, e não vivem mais porque já não sabem, os seus instantes de simplicidade, os mais felizes ao longo de qualquer existência.

Passamos às vezes junto ao muro de certos jardins fechados e sentimos a presença invisível, do outro lado, das rosas cultivadas pelas vidas que se aposentaram. O ramo do jasmineiro vem até o caminho por onde vamos, e deixa no ar o perfume fugitivo de sua presença. Do outro lado do muro, do outro lado da vida superficial de todo instante, do outro lado das coisas que amamos em nossa cegueira cotidiana, porque nos excita e nos estimula para as esperanças do dia a dia, do outro lado deve existir uma vida diferente da nossa, familiar às rosas desse mundo inviolado, amiga dos mil ingênuos segredos que costumam existir nesses jardins antigos onde as mãos dos homens esquivos parece que se santificam no trato da beleza simples e evidente dos lírios.

Um dia, já tão longe, nas praias do tempo, por mero acaso, passei junto à casa do poeta, no arrabalde tranqüilo. Como ele me visse, me chamou. Estive durante longos momentos em convívio com aquelas vidas silenciosas que ele cultivava no seu jardim. Depois, com os livros de sua estante, sobre cujas lombadas aquelas mãos pousavam com o mesmo carinho demorado com que tratava suas árvores e suas rosas. Agora estou me lembrando do poeta, e as páginas mais expressivas de sua sensibilidade ficam de novo presentes em minha memória.

Como a morte deixa definitivo o desenho dos homens, e fixa para sempre a expressão de suas vidas, agora podemos sentir a profundidade daquele espírito cuja aparência, pelas ruas do mundo, era enganadora pela modéstia, pela discreta existência que sempre procurou viver.

Isolino Leal continua em nosso espírito tão vivo como no primeiro instante, há tantos, tantos anos! em que revelou para nós os seus primeiros poemas. Porque ele os escrevia com a mesma simplicidade profunda com que suas mão tratavam as rosas ou colhiam da vida os momentos de beleza.